

DESCONSTRUCIONISMO NA AMÉRICA. UMA HISTÓRIA COM CONTORNOS MARCANTES ¹

Hans Ulrich Gumbrecht

Tradução de Oliver Tolle

Cinco dias após a morte de Jacques Derrida, o *New York Times* publicou um necrológio, cujo tom de respeito e admiração era praticamente insuperável. Ao lado de Wittgenstein e de Heidegger, o texto afirmava sem qualquer gesto de relativização: a história das idéias do futuro celebrará Derrida como um dos três maiores filósofos do século XX. Os seus livros e o seu estilo intelectual teriam impregnado para sempre o pensamento ocidental e estariam ao mesmo tempo corporificados na bondade de Derrida e no seu charme pessoal. Três dias antes, no mesmo jornal fora publicado um necrológio de tendência exatamente oposta: cheio de malícia, ele descrevia Derrida como um charlatão acadêmico que cobrava elevados honorários para as suas conferências em troca de jogos de palavras banais e incompreensíveis. Com satisfação masoquista, esse primeiro necrológio ao mesmo tempo sublinhava que o sucesso de Jacques Derrida teria sido um fenômeno americano – e nisso estava subentendido que ele era uma prova do provincianismo duradouro do espírito americano.

¹ Tradução de “Dekonstruktion in Amerika. Eine Geschichte mit markanten Konturen”. In: GUMBRECHT, H. U. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 27 de outubro de 2004.

Esses dois necrológios juntos são, de maneira sucinta, uma presentificação daquelas reações da América acadêmica que possibilitaram, num jogo de forças contrárias, a sua recepção explosiva nos Estados Unidos. Se levarmos unicamente em consideração a evidência documental, então seria necessário riscar apenas duas coisas nessa dupla imagem: em primeiro lugar, Derrida jamais se esforçou em tirar proveito do seu potencial financeiro no mercado americano das conferências e das cadeiras de professor visitante, bem como, em segundo lugar, o seu sucesso não foi de modo algum o sintoma da ingenuidade dos professores americanos e de seus alunos. Em várias publicações de seus últimos anos de vida, Derrida refletiu sobre o seu próprio sucesso com o “desconstrucionismo na América” com um misto de distanciamento e de alegria. Além disso, para permanecer fiel à postura intelectual por ele cunhada, Derrida precisava deixar em suspenso todos os possíveis contornos, interpretações e valorações históricos, de modo que essa postura permanecesse meramente a presentificação de uma certa atmosfera. Não obstante, já muito antes de sua morte ficou claro que o “desconstrucionismo na América” tinha se tornado, ao contrário do estilo de seu inventor, uma história com contornos marcantes.

Ela tem início com a realização em 1966 de um colóquio na Universidade John Hopkins em Baltimore (EUA), para o qual René Girard tinha convidado a então nobreza do espírito francês: Barthes, Hyppolite, Lacan, Vernant e alguns outros eruditos de prestígio excepcional. Mas quem atraiu inteiramente para si a admiração de seus colegas americanos – para a indignação evidente das autoridades francesas e do organizador – foi Jacques Derrida, cujo nome até então era desconhecido no meio acadêmico (e com aquela crítica ao estruturalismo *à la* Lévi Strauss, crítica que, a partir do seu volume **Écriture et Différence**, se converteria num dos textos de ciências humanas mais citados do século passado). A sensação de Baltimore não foi sucesso de apenas um dia. Derrida rapidamente se converteu no mentor intelectual das universidades mais proeminentes da costa

leste americana, e, pouco depois, durante as suas inúmeras visitas aos Estados Unidos, ele estabeleceu amizade com Paul de Man, um professor de literatura de Yale nascido na Bélgica e formado na Suíça, cujas análises da obra de Rousseau estavam voltadas para uma direção filosófica semelhante à crítica de Derrida ao estruturalismo e à tradição fenomenológica. Ambos colocavam em questão a premissa jamais posta em dúvida de que fosse possível atribuir significados estáveis a textos. Ambos viam na tradição literária europeia um jogo de auto-reflexão em andamento, o qual em princípio está à frente da filosofia nesse empreendimento de relativização de si.

Esses fatos são amplamente conhecidos. Mas para poder compreender historicamente o êxito sensacional de Derrida nos Estados Unidos (sem querer diminuir os seus méritos) é necessário levar em consideração o *status* particular do cânone literário no interior da formação acadêmica dos *colleges*. No currículo dos *colleges* orientados a uma formação universal, a literatura até hoje não é ensinada na dimensão histórica das tradições nacionais, mas como um horizonte ocidental (hoje: multicultural) de idéias e valores, que deve ser convertido com determinação institucional inflexível em educação moral. Na medida em que Derrida questionava em princípio a possibilidade do significado estável do texto, o seu gesto de leitura e o de Paul de Man se converteram num instrumento com o qual era possível colocar a reivindicação moral do sistema educacional institucionalmente “superior” numa base questionável. Assim, a forma analítica posteriormente denominada de “desconstrucionismo” ofereceu nos anos do protesto intra-americano contra a guerra do Vietnã a possibilidade de ser radicalmente autocrítico no que diz respeito à moral nacional e às suas instituições, sem precisar optar pela aparentemente única alternativa do marxismo. Que a postura desconstrutivista fosse a longo prazo bem sucedida sobretudo nos departamentos de literatura americanos tinha certamente a ver também com uma afinidade entre a cultura literária tradicionalmente anglo-americana do *New Criticism* em sua paixão pelo detalhe e o chamado de Derrida para a concentração na microscopia da “escrita”. Finalmente,

os cientistas literários da geração mais jovem de então também eram naturalmente receptivos à mensagem de um filósofo europeu, segundo o qual a maior força filosófica era liberada justamente pela análise de textos literários, enquanto a autoridade da cultura passada deveria em princípio ser colocada em suspenso. O entusiasmo intelectual em Yale quase não conhecia mais limites: cientistas literários com uma afinidade apenas indeterminada – do ponto de vista de hoje – com o desconstrucionismo, como Geoffrey H. Hartman ou Harold Bloom, não tinham nada contra serem admirados bem como temidos como a “Máfia de Yale” ao lado dos líderes universitários emergentes Derrida e Paul de Man.

Conta a favor da competência dos professores que permaneceram fiéis ao *New Criticism* a capacidade de distinguir rapidamente o desconstrucionismo de um mero modismo da teoria literária. De acordo com a perspectiva deles, a acusação de “nihilismo” que posteriormente deu um fim à disputa era inteiramente plausível, pois Derrida, de Man e o grupo rapidamente crescente de seus partidários não criticavam apenas valores meramente individuais da vida americana, mas procuravam efetivamente abalar os fundamentos de transmissão de moral para a elite e a classe média. Nas guerras de trincheira que rapidamente eclodiram por cada uma das posições nos departamentos de literatura, os partidários de Derrida certamente não tinham sempre os argumentos ou os candidatos mais fortes – mas eles tinham a seu favor o riso e o insuperável temor universitário de tornar-se motivo de chacota. Em seu debate com o filósofo analítico John S. Searle, Derrida evidenciou como a crítica fundamental a qualquer postulado de sentido estável colocava todas as posições contrárias sérias, como “posições”, automaticamente dentro de uma atmosfera de ironia, enquanto ela “tornava irrelevante” a sua própria posição como posição, ou seja, mantinha-se livre de qualquer obrigação de demonstração, tornando-se desse modo irrefutável. Quem nesses anos fosse questionado, durante uma prova de admissão para a carreira de história literária por um “*boa-deconstructor*” (como se autodenominavam os fãs de Paul de Man),

se ele de fato pensara em “contar uma história tola” em vez de apresentar uma “leitura de textos séria”, poderia com segurança desistir da vaga em que tinha depositado suas esperanças. Como nessa disputa por poder acadêmico também os esquerdistas de diversas tendências tinham uma certa inclinação pelo desconstrucionismo (certamente mais devido a uma simpatia política do que a uma convicção filosófica), por volta de 1980 pareceu ter chegado o momento de questionar até quando os departamentos de ciências humanas das universidades americanas eminentes teriam se convertido completamente na terra prometida do desconstrucionismo. Que naquele tempo os escritos de Derrida deixassem transparecer – simultaneamente ao gesto do questionamento universal – um *pathos* fúnebre pela perda das certezas existenciais e políticas, uma “*fata morgana* da metafísica”, como foi formulado recentemente de modo acertado no jornal de mesmo nome, tornou ainda mais atrativa para os veteranos da revolta estudantil essa tendência há muito convertida em movimento.

A situação permaneceu, todavia, tensa. Os intelectualmente (e na maioria das vezes também politicamente) conservadores não tinham abandonado o campo de batalha, e se Derrida tivesse pensado sempre de modo estratégico, então ele subestimou o risco que corria ao fazer com que os lances da crítica de todas as reivindicações de significado estável fossem empregados pelos seus partidários americanos cada vez mais como lances da crítica moral mais radical. Nessa atmosfera superaquecida por reivindicações morais e feridas narcisísticas, um acontecimento marginal poderia se tornar um ponto de viragem para o desconstrucionismo na América. Logo depois da morte de Paul de Man, em 1984, foram descobertos alguns escritos de juventude potencialmente pró-fascistas que ele tinha publicado em jornais belgas durante o período de ocupação durante a Segunda Guerra Mundial, e esse pequeno escândalo desencadeou uma reação em cadeia, o que originou a suspeita de que a migração e a naturalização de Paul de Man tivessem ocorrido mediante o encobrimento de alguns fatos biográficos comprometedores. Os que tinham sido afrontados pelo

desconstrucionismo ficaram exultantes – e foram beneficiados ainda pelos equívocos estratégicos dos amigos de Paul de Man. Em vez de reconhecer de modo inequívoco os pecados juvenis de Paul de Man e assim isolar o seu potencial destrutivo, a comunidade desconstrutivista – numa mistura peculiar de reivindicações morais e de uma inversão da ambivalência na leitura em precisão na interpretação – partiu para o contra-ataque. Os “escritos de guerra” de Paul de Man foram editados como um signo de uma boa consciência ininterrupta e então convertidos amigavelmente, como sinal de ironia desconstrutivista, *avant la lettre*, em manifestos antifascistas. Ao mesmo tempo, Jacques Derrida regalou-se com discursos fúnebres sobre o seu amigo Paul de Man, os quais não diziam propriamente respeito nem aos inimigos nem aos amigos

Seria muito exagerado – e com vinte anos de atraso soaria malicioso – querer afirmar que o desconstrucionismo e a fama de Derrida não conseguiram mais se recuperar nos Estados Unidos do “escândalo de Man”. Mas o seu apogeu chegou efetivamente ao fim. As reações de uma moral acadêmica e puritana e a decepção de inúmeros intelectuais judeus – talvez devêssemos simplesmente dizer: a história – tinham finalmente atingido os tão intocáveis partidários de Derrida. A sua própria convergência de rigor intelectual agressivo com a reivindicação de inocência moral, tal como ela justamente nos Estados Unidos tinha não casualmente impressionado tantos acadêmicos, estava rompida para sempre. O que se sucedeu causa hoje a impressão de ter sido um epílogo prudente. Desde 1987, Jacques Derrida dividia com Wolfgang Iser e Jean-François Lyotard uma cátedra na Universidade da Califórnia em Irvine, universidade que nem de perto chegou a realizar o seu projeto cultural e político originário de se converter num dos centros de ciências humanas do país. Depois daquelas publicações monumentalmente fracassadas para a reabilitação de Paul de Man, alguns dos nomes mais proeminentes do início da história do desconstrucionismo na América, principalmente os de Harold Bloom e de Geoffrey Hartman, nunca mais apareceram ao lado do nome de

Derrida em impressos. Os próprios livros de Derrida se voltaram para os *leitmotiv* da boa consciência dos liberais de esquerda: ele condenou o *apartheid* sul-africano, louvou o Marx clássico, enalteceu os valores da amizade, lembrou os juristas de que para além de todo direito positivo deve haver um conceito transcendental de justiça, fez votos de uma mudança para melhor para as universidades ocidentais e, ao lado de Jürgen Habermas, conclamou os intelectuais europeus a uma nova responsabilidade moral em vista do declínio da autoridade americana na Guerra do Iraque.

Jacques Derrida permaneceu durante as duas últimas décadas de sua vida um convidado bem-vindo das universidades americanas, e para as suas conferências eram gentilmente concedidas duas horas de duração. Rapidamente foi interpretado como um sintoma de renitência ideológica adotar uma atitude de distanciamento em relação a elas. Uma seleção de seus primeiros textos não deve faltar em nenhum curso de ciências literárias. A energia provocativa do desconstrucionismo sem dúvida se dissipou, sem que os sonhos acadêmico-imperialistas de alguns de seus partidários tivessem sido realizados – mas tampouco os seus inimigos conseguiram exorcizar o desconstrucionismo como se ele fosse um fantasma. O que aprendem hoje os estudantes a partir dos escritos desse Jacques Derrida que foi elevado pela história (de fato, quase sem resistência) à condição de clássico? Eles podem aprender que “posições” intelectuais e que “reivindicações” de um sentido coerente e de um significado coerente são sempre desestimuladas pela base precária, porque culturalmente relativa, de nossas diferenciações e premissas conceituais – e que por isso semelhantes posições e reivindicações serão sempre acompanhadas pela possibilidade de sua revisão, mas também pelo ímpeto por um saber que estaria acima de tal relatividade. Talvez eles aprendam ainda que sob essa perspectiva a força filosófica de alguns textos literários se aproxima da força dos clássicos da filosofia. Muito nessa configuração tem desde então a aparência de uma descrição de motivos fundamentais existencialistas – mas essa impressão deve ser passageira. E caso

semelhante configuração intelectual em diversas respostas à provocação de Jacques Derrida de fato tenha assumido uma forma primeiro nas universidades americanas, então isso certamente nos honra – como uma antiga província acadêmica. Uma nova consciência do próprio significado intelectual está, desse modo, ligada à recordação da presença passada da elegância de Jacques Derrida.